

PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL EM GRUPO MELHORA INTERAÇÃO SOCIAL DO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO: UM ESTUDO DE CASO

Maryana Priscilla Silva de Moraes¹

maryana.morais@hotmail.com

Ludmila Lucena Pereira Cabral²

ludmilapcmartins@gmail.com

Débora Lima de Oliveira Simeão³

limadeoliveirad@yahoo.com.br

Ana Charline Ferreira Dantas²

anacharlinedf@hotmail.com

Jonatas de França Barros²

emaildojfb@gmail.com

Patrick Ramon Stafin Coquerel²

motriz@ufrnet.br

¹Secretaria Municipal de Esporte e Lazer de Guamaré (SMELG)

²Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

³Secretaria Municipal de Educação de Natal (SMEN)

RESUMO

O objetivo do estudo foi analisar a interação social e a autonomia de uma criança com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), que participou de 12 sessões de Psicomotricidade Relacional. Trata-se de um estudo de caso com base na análise do comportamento de uma paciente com 5 (cinco) anos de idade, que frequenta o CAPSi. A intervenção feita em grupo heterogêneo promoveu uma maior interação social, melhorando o relacionamento com os pares e psicomotricistas, bem como a autonomia.

PALAVRAS-CHAVE

Transtorno do espectro autista; Centro de Atenção Psicossocial Infantil; Psicomotricidade Relacional.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do espectro do autismo (TEA) é definido como alterações do desenvolvimento e do comportamento por déficit na interação social, nesse sentido, a psicomotricidade tem sido recomendada para melhorar a socialização de crianças com necessidades especiais e/ou alterações comportamentais (FALKENBACH *et al.*, 2010).



A Psicomotricidade Relacional é baseada numa perspectiva voltada à prática emocional, através do universo simbólico, de processos de construção da aprendizagem e estruturação cognitiva (FONSECA, 2008; OLIVEIRA, 2009).

Crianças com TEA são beneficiadas com sessões de Psicomotricidade Relacional, pois está se preocupa com a aprendizagem, a partir da experimentação corporal, através da iniciativa do brincar (FALKENBACH *et al.*, 2010). Dentro de uma ótica educativa, a psicomotricidade relacional visa a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo, psicomotor e sócio emocional da criança, permitindo ao indivíduo que se expresse e supere conflitos relacionais, favorecendo a experimentação corporal e a vivência simbólica, como também a interação com professores e colegas (FALKENBACH *et al.*, 2010; VIEIRA, 2009).

Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) foram criados pela Portaria nº 336, onde se estabeleceu a existência de cinco (5) tipos de CAPS, ou seja, CAPS I, CAPS II, CAPS III, CAPS-i e CAPSad (BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002). Cada modalidade é organizada em função do número de habitantes e nível crescente de complexidade, onde o CAPS I é de menor população e complexidade, o CAPS II é intermediário e, o CAPS III é para cidades com 200 mil ou mais habitantes com maior complexidade de atendimentos, incluindo internamentos, que junto aos CAPS-i (infantil) e CAPSad (para usuários de substâncias que causam dependência) atendem as pessoas com transtornos mentais e/ou com deficiência (BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002).

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de um estudo de caso de cunho qualitativo, no qual analisamos a autonomia, bem como a interação social através do comportamento de uma criança com TEA (do sexo feminino), escolhida de forma intencional, por apresentar o comportamento mais apático dentre os participantes, durante 12 sessões de Psicomotricidade Relacional, foram realizadas no Centro de Apoio Psicossocial Infantil (CAPS-i).

O desenvolvimento da intervenção foi estruturado em quatro (4) grandes etapas, configurando-se no seguinte modelo de atuação multiprofissional e interdisciplinar. A título de informação, o presente projeto foi aprovado e possui o Parecer número 1.131.835 do CEP da UFRN.

Os instrumentos utilizados foram um relatório reflexivo dos pais, relatório final do programa, prontuário - CAPS-i, uma câmera Sony Cybershot W-35. Esta, utilizada para captação de imagem estática, cujo objetivo foi caracterizá-la, através da codificação e a decodificação, que consistem, respectivamente, em descrever o que se vê na imagem, e interpretar evidenciando sua significação simbólica.

O processo de análise se deu através da descrição das informações contidas nos instrumentos a partir da descrição do comportamento de um indivíduo com TEA. Utilizamos o relatório final produzido pelos professores participantes das sessões, os quais reuniram-se ao término da intervenção e escreveram um relato sobre as impressões marcantes das crianças. Contemplando o comportamento delas antes, durante e após as 12 sessões. Utilizou-se também um relatório reflexivo, escrito pelos pais da criança, no qual descreveram as principais mudanças observadas por eles acerca do desenvolvimento de sua filha. Ainda, considerou-se os apontamentos no prontuário da criança, feito pela psiquiatra do CAPS-i. Todos esses relatórios foram analisados por dois profissionais, que não participaram das intervenções. Em cada sessão, foram utilizados objetos distintos e/ou combinação entre eles, os quais tinham função de promover relação entre os pares, estimular a criatividade e interesse da criança.



Quadro 1. Descrição das 12 sessões de Psicomotricidade Relacional em CAPSi

Sessões	Objetos	Objetivos
Sessão 1	Bola	Estimular a pulsão de vida/desejos dos sujeitos, estimulando suas primeiras inibições.
Sessão 2	Arco	Estimular a pulsão de vida dos sujeitos, suas inibições e agressividade pura, delimitando limites e estruturação espacial.
Sessão 3	Bastão/flutuador	Continuar estimulando a pulsão de vida dos sujeitos, agressividade pura
Sessão 4	Corda	Explorar a agressividade pura buscando a dominação/domesticação dos sujeitos.
Sessão 5	Caixa	Incentivar a agressividade simbólica, a partir do jogo simbólico
Sessão 6	Tecido	Estimular a autonomia dos sujeitos através do jogo simbólico.
Sessão 7	Jornal	Estimular a autonomia dos sujeitos, incentivando a agressividade pura.
Sessão 8	Tecido e bola	Preencher lacunas existentes através dos jogos simbólico e de autonomia, além de explorar a pulsão de vida deles.
Sessão 9	Tecido e caixa	Estimular a agressividade simbólica dos sujeitos a partir do jogo simbólico e jogo de autonomia
Sessão 10	Corda e arco	Explorar a agressividade pura dos sujeitos, bem como suas pulsões de vida através da exploração espacial, objetivando a dominação/ domesticação destes.
Sessão 11	Bastão/flutuador e arco	Instigar a pulsão de vida dos sujeitos através da agressividade pura, explorando suas inibições e estruturação espacial;
Sessão 12	Bastão/flutuador, caixa, arco e bola	Estimular a autonomia dos sujeitos através da iniciativa do brincar com seus pais e seus pares.

Fonte: Projeto de Extensão – Psicomotricidade relacional em CAPSi

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No quadro abaixo são expostos os principais resultados, em ordem cronológica, observados pelos profissionais envolvidos, bem como pelos pais da criança analisada, ao final do programa de intervenção.

Quadro 2. Descrição das 12 sessões de Psicomotricidade Relacional em CAPSi

Resultados apontados pelos professores	Resultados apontados pela psiquiatra	Resultados apontados pelos pais
<ul style="list-style-type: none"> • Começou a interagir apenas com o professor; • Começou a demonstrar interesse pelo objeto transicional; • Interagiu bastante com o objeto transicional, bem como com seus pares; • Demonstrou autonomia na iniciativa do brincar; • Vivenciou a fase do jogo simbólico; • Demonstrou muita autonomia na iniciativa do brincar, interagiu bastante com seus pares. 	<ul style="list-style-type: none"> • Não interage com outras crianças; • Quando contrariada bate e se bate; • Mais tranquila; • As vezes se bate quando contrariada; • Interagindo melhor; • Mais agitada; • De acordo com o CID-10 a criança enquadra-se dentro da F.84.0. 	<ul style="list-style-type: none"> • Melhorou sua interação com as pessoas; • Maior aproximação com as crianças; • Ainda se bate algumas vezes quando contrariada, porém, nem sempre como antes; • Diminuiu os movimentos repetitivos; • Passou a observar melhor as pessoas e coisas ao seu redor; • Passou a olhar nos olhos algumas vezes, e antes não olhava.

Fonte: Projeto de Extensão – Psicomotricidade relacional em CAPSi

Os principais resultados obtidos foram a melhoria na interação social bem como autonomia da criança observada, tanto do ponto de vista psicomotor quanto psicossocial. É uma prática que proporciona ao indivíduo, extravasar seus desejos, fantasias, ambivalências na relação consigo, com o outro e com o meio proporcionando o equilíbrio da personalidade, facilitando suas relações afetivas e sociais (VIEIRA, 2009).



Inicialmente a criança apresentou um comportamento inibido, apático e agressivo; o qual sabemos ser normal para indivíduos com TEA, cujo transtorno causa déficits na aprendizagem e no funcionamento do cérebro (SOARES; CAVALVANTE NETO, 2015). Após algumas sessões passou a brincar somente com o professor, com o qual criou uma boa relação de afinidade. No entanto, após estimulação por parte deste, percebemos algumas interações com os pares, mesmo em situação passiva. Todas as crianças guardam em si desejos agressivos e para exprimir esses sentimentos é preciso que o adulto compreenda. Através da Psicomotricidade Relacional, a partir do jogo simbólico, essa agressividade pode ser resolvida de forma ponderada buscando a independência da criança, bem como favorece um retorno a uma fase mal superada; diante deste cenário a criança transfere sua confiança ao adulto no qual encontra situações de afinidade, de bem-estar e segurança (LAPIERRE; LAPIERRE, 2002). Nas sessões de psicomotricidade relacional, através das brincadeiras, a criança tímida é estimulada e encorajada a brincar mais e se relacionar com os pares; a criança agressiva é aceita com sua agressividade e é ajudada a canalizar esse sentimento (CAMILO, 2008).

O comportamento da criança analisada foi evoluindo com o passar das sessões, onde percebemos um grande avanço em relação a sua interação social, como citado no relatório reflexivo dos pais, que apontaram maior aceitação e a aproximação de outras pessoas. A Psicomotricidade auxilia o indivíduo na percepção de tempo e espaço o qual está inserido, ajuda a viver em grupo, ensina a respeitar regras, conscientiza; favorece e desenvolve a autonomia da criança, resgata o prazer no jogo, através da criatividade (MORO *et al.*, 2007).

Vale salientar que a criança se identificou melhor com objetos transicionais que remetem certa proteção, os quais permitiram ela sentir-se segura e acolhida, que foram a caixa e o tecido. Estudo anterior, mostra que a criança com TEA se identifica melhor com objetos os quais dão possibilidade dela resignificar vivências cotidianas, mostrando que as experiências sociais são importantes na reprodução do jogo imaginário (BAGAROLLO; RIBEIRO; PANHOCA, 2013). O tecido, "por seu contato macio e quente, constitui material especial para regressão, para o contato fusional, para o envolvimento e para o desaparecimento"; A caixa, "... a casa, lugar de prazer e de segurança, substituto simbólico do corpo da mãe, participa, nessa idade, da mesma ambivalência que a figura materna" (LAPIERRE; LAPIERRE, 2002).

A participação de atividades inclusivas, contribui de forma positiva, principalmente no que diz respeito a independência desses indivíduos (VON TETZCHNER; GRINDHEIM, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deste modo a Psicomotricidade Relacional como forma de intervenção em grupo, pode beneficiar o indivíduo com TEA, conforme apontado no comportamento da criança durante as sessões. A partir do que foi observado tanto nos relatórios dos professores, quanto dos pais e profissionais da instituição, constatou-se que a criança melhorou seu relacionamento com os pares, sua interação social e autonomia.

RELATIONAL PSYCHOMOTRICITY IN GROUP IMPROVES SOCIAL INTERACTION OF AUTISM SPECTRUM DISORDER: A STUDY CASE

ABSTRACT

The objective of the study was to analyze the social interaction and autonomy of a child with Autism Spectrum Disorder (ASD), who participated in 12 sessions of Relational Psychomotricity. This is a case study based on the analysis of the behavior of a 5-year-old patient, who attends CAPSi. Intervention in a heterogeneous group promoted greater social interaction, improving the relationship with peers and psychomotrists, as well as autonomy.

KEYWORDS: *Autism Spectrum Disorder; Center for Child Psychosocial Care; Relational Psychomotricity.*



LA PSICOMOTRICIDAD RELACIONAL EN EL GRUPO MEJORA LA INTERACCIÓN SOCIAL DEL TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA: UN CASO DE ESTUDIO

RESUMEN

El objetivo del estudio fue analizar la interacción social y la autonomía de un niño con Trastorno del Espectro del Autismo (TEA), que participó en 12 sesiones de Psicomotricidad Relacional. Se trata de un estudio de caso basado en el análisis del comportamiento de una paciente con 5 (cinco) años de edad, que frecuenta el CAPSi. La intervención hecha en grupo heterogéneo promovió una mayor interacción social, mejorando la relación con los pares y psicomotricistas, así como la autonomía.

PALABRAS CLAVES: *Trastorno del Espectro del Autismo; Centro de Atención Psicosocial Infantil; Psicomotricidad Relacional.*

REFERÊNCIAS

- BAGAROLLO M. F.; RIBEIRO V.V.; PANHOCA I. O brincar de uma criança autista sob a ótica da perspectiva histórico-cultural. *Revista Brasileira de Educação Especial*. Marília, v.19, n.01, p.107-120, mar. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382013000100008>. Acesso em: 15 nov. 2015.
- BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Constituição (2002). Portaria nº 336, de 19 de fevereiro de 2002. Portaria/GM Nº336/2002. BRASÍLIA, DF, 19 fev. 2002.
- CAMILO, I. L. T. O brincar na psicomotricidade relacional: ferramenta potencializadora no processo de desenvolvimento da criança. *Revista Iberoamericana de Psicomotricidad y Técnicas Corporales*, Madrid, v. 8, n. 31, p.111-120, ago. 2008. Disponível em: http://www.cicep.cl/formacion/apuntes/cap_revista/31riptc.pdf. Acesso em: 11 maio 2015.
- FALKENBACH, A. P.; DIESEL, D.; OLIVEIRA, L. C. de. O jogo da criança autista nas sessões de psicomotricidade relacional. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Campinas*, v. 31, n. 2, p.203-214, jan. 2010.
- FONSECA, V. da. *Desenvolvimento psicomotor e aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- LAPIERRE, A.; LAPIERRE, A. *O adulto diante da criança de 0 a 3 anos: Psicomotricidade relacional e formação da personalidade*. 2. ed. Curitiba: Editora Ufpr, 2002. 165 p. Tradução: Maria Ermantina G. G. Pereira.
- MORO, D. R. P. *et al.* A psicomotricidade relacional como propulsora do vínculo afetivo na educação infantil. In: VII Congresso Nacional de Educação - Endurece, 7., 2007, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Champagnat, 2007. p. 15 - 33. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-002-05.pdf>. Acesso em: 26 maio 2015.
- OLIVEIRA, L. M. de; BAGAGI, P. dos S. Psicomotricidade e desenvolvimento motor na pré-escola. *Revista Científica Eletrônica de Pedagogia*, Garça, v. 7, n. 13, p.1-6, jan. 2009. Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/vzrPzX88UISehdj_2013-6-28-15-57-0.pdf. Acesso em: 07 maio 2015.
- ROSA, L. A. M.; HOLZMANN, M. E. F. O que é a Psicomotricidade Relacional na escola. *Revista Iberoamericana de Psicomotricidad y Técnicas Corporales*, Madrid, v. 8, n. 31, p.133-140, ago. 2008. Disponível em: http://www.cicep.cl/formacion/apuntes/cap_revista/31riptc.pdf. Acesso em: 18 maio 2015.
- SCALHA, T. B. *et al.* A importância do brincar no desenvolvimento psicomotor: relato de experiência. *Revista de Psicologia da Unesp*, Botucatu, v. 9, n. 2, p.79-82, out. 2010. Disponível em: <http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/view>. Acesso em: 19 abr. 2015.



- SOARES, A.M.; CAVALCANTE NETO, J.L. Avaliação do Comportamento Motor em Crianças com Transtorno do Espectro do Autismo: uma Revisão Sistemática. *Revista Brasileira de Educação especial*. Marília, v.21, n.03, set. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382115000300010>. Acesso em: 14 nov. 2015.
- VIEIRA, J. L. Psicomotricidade relacional: a teoria de uma prática. *Perspectivas On Line*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 11, p.64-68, dez. 2009. Disponível em: http://www.seer.perspectivasonline.com.br/index.php/revista_antiga/article/viewFile/388/299>. Acesso em: 11 maio 2015
- VON TETZCHNER, S.; GRINDHEIM, E. Inclusion of children with autism spectrum disorders through shared peer activity. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 26, n. 47, p.507-522, dez. 2013. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/educacaoespecial/article/view/9830/pdf>. Acesso em: 25 maio 2015.

